

**Surfando nos sofás das minas:
Rede de apoio entre mulheres em viagens colaborativas na Europa
mediadas pelo Facebook**

DOI: 10.2436/20.8070.01.205

Thaís Costa da Silva

Doutora em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil.

Pesquisadora na Universidade Candido Mendes, Brasil.

E-mail: thais_unirio@yahoo.com.br

Resumo

Movimentos feministas têm encontrado na internet um meio bastante promissor para abrigar discussões dentre os mais variados temas, em que as viagens se incluem, e com uma organização em rede mais distribuída. Neste espectro, analiso neste artigo como as redes de viagens colaborativas compostas por brasileiras no continente europeu podem estimular mobilidades, práticas turísticas e formar redes de apoio transnacionais, a partir de interações na internet baseadas na identidade de gênero. Tal investigação parte de um estudo etnográfico sobre do grupo *Couchsurfing das minas na Europa*, do Facebook, envolvendo a realização de entrevistas, o acompanhamento de ações das integrantes e a análise de discussões dispostas na plataforma. Suas interações são motivadas pela partilha de hospedagem em residências e em interlocuções abarcadas sob o tema das viagens. O estudo revisita a Teoria da Dádiva, de Marcel Mauss para pensar como a trocas sociais contemporâneas não comerciais podem se construir por meio de um ativismo identitário e político. A análise também se ampara nas discussões sobre mobilidades, especialmente levantadas por John Urry e Mimi Sheller, que consideram não somente o caráter móvel dos indivíduos, como também dos objetos, das comunicações e das ideias. Paradigma que evoca possibilidades metodológicas em que o pesquisador é levado a experienciar tais movimentos, essenciais às análises sobre o fenômeno. A viagem é debatida aqui como uma atividade contemporânea que se estende às práticas de mercado, com o fortalecimento de um ideal solidário e coletivo. Apesar das muitas dissonâncias e desigualdades que se apresentam nos processos, essas redes estimulam as mobilidades dentro da perspectiva de gênero, da afirmação identitária e do ativismo político.

Palavras-chave: Viagens Colaborativas. Gênero. Redes de apoio. Couchsurfing. Plataformas digitais.

1 INTRODUÇÃO

Todo o frenesi em torno de um estímulo às mobilidades como um estilo de vida a ser seguido, em especial àquelas turísticas, toma como palco principal a internet. Chamadas motivacionais como “viajar é a única coisa que você compra que te deixa mais rico” ou “não compre coisas, vá viajar” inundam as mídias sociais, como o Instagram e o Facebook, acompanhadas de fotos e vídeos em lugares paradisíacos. A produção e o consumo colaborativos, que tanto se fortaleceram com as novas tecnologias de comunicação e informação, se constituem como força motriz dessas narrativas, estimulando um estilo de vida que valoriza a autonomia do viajante, o consumo compartilhado e de experiências.

O apelo midiático das viagens, no entanto, pouco considera as assimetrias sociais que incidem na oportunidade de usufruir desses movimentos. Dentro de uma estrutura social desigual e hierárquica, características como a etnia, a cor, o gênero, a classe e mesmo a orientação sexual podem interferir nas formas e na frequência dessas mobilidades, como Sheller (2017) salienta. As adversidades encontradas por mulheres para a realização de fluxos turísticos e migratórios resultam em uma mobilização por parte de algumas delas na tentativa de amenizar este quadro. Como as necessidades encontradas para a realização de suas viagens não são satisfeitas por plataformas digitais mais gerais, como o *Couchsurfing.org* ou a *Airbnb*, torna-se consequente a organização em grupos identitários segmentados com base nas trocas solidárias. Foi percebendo tais dinâmicas que eu, como uma mulher viajante, pude ter acesso ao grupo *Couchsurfing das minas na Europa*, abrigado na mídia social *Facebook*.

Este estudo é derivado de uma pesquisa mais ampla, em que analisei outros dois grupos de mulheres para investigar como as viagens e as práticas colaborativas podem agir no exercício da afirmação de identidades e em posicionamentos políticos, a partir das atividades que se estabelecem nas plataformas digitais em redes de hospedagem domiciliar colaborativa para mulheres. As particularidades do grupo *Couchsurfing das minas na Europa*, que foi analisado mais enfaticamente na quarta seção do quarto capítulo¹ salientam alguns dos desdobramentos contemporâneos da prática turística, em que se pese a figura da mulher viajante, respaldada por um movimento feminista em ascensão. Este artigo, portanto, recupera tal discussão, revelando articulações não somente em torno dos fluxos turísticos que dão mote à organização do grupo, como também do ativismo político ressaltado nas narrativas e nas práticas colaborativas que perpassam, inclusive, movimentos migratórios.

A pesquisa investiga, desse modo, de que forma a mobilização da rede de brasileiras *Couchsurfing das minas na Europa*, baseada na identidade de gênero, pode estimular mobilidades turísticas e migratórias e formar redes de apoio transnacionais, a partir das interações na plataforma. Os resultados são obtidos a partir de uma análise bibliográfica e, principalmente, com a realização de um trabalho etnográfico enfatizando as mobilidades concernentes a essas interlocutoras. Para acompanhar essas vidas móveis

¹ COSTA, Thaís. Viagens como meio de comunicação política: mediações tecnológicas e discursos identitários em redes de hospedagem colaborativa para mulheres / Thaís Costa da Silva. – 2021.

(ELLIOT, URRY, 2010), foi preciso então entender e seguir as dinâmicas dos fluxos corpóreos, assim como os dos comunicacionais e virtuais.

Foi preciso construir um olhar empático, que pudesse atentar às forças que podem ser opressivas e dissonantes, respeitando suas experiências como autênticas (MILLER, 2018). A entrada em campo pôde ser realizada inicialmente com a adesão ao grupo, identificando-me às interlocutoras como pesquisadora. A participação envolveu a publicação de mensagens na plataforma, assim como a interação por comentários em publicações de outras mulheres. A análise das postagens na plataforma me permitiu entender melhor sobre as dinâmicas das interações e para uma maior aproximação com as interlocutoras, resultando na realização de entrevistas em profundidade com cinco delas. A experiência também englobou a minha percepção como viajante e migrante na Europa, em ocasião da minha vivência em um estágio doutoral, na Universidad Complutense de Madrid, Espanha.

Entendendo que os processos comunicacionais se constituem não somente pelos agenciamentos humanos, como também pelas interferências das gramáticas e de elementos das plataformas digitais em que estão suportados, a análise se estende à tais dinâmicas dessa mediação. As dimensões tecnopolíticas são consideradas, onde se incluem disputas por interesses distintos, em especial, nas práticas turísticas por toda sua complexidade social, econômica e ambiental. E nesse “assimétrico jogo de poder, os usuários e as materialidades se constituem mutuamente” (D’ANDREA, 2020, p.15).

As plataformas, assim, podem modular práticas de consumo, de acordo com a forma como o conteúdo é reproduzido ou pelas ferramentas que são disponibilizadas para tecer as interações. Somadas essas questões aos diferentes usos que as mulheres *couchsurfers* fazem dessas mídias, constroem-se narrativas em torno de um comportamento colaborativo, com estilo de vida bem característico e balizado na busca pelo acesso às mobilidades.

2 [MANAS] COLABORATIVAS E ESTILO DE VIDA MÓVEL

Sempre mantendo a ordem do grupo e seguindo o sentido do propósito. Gurias, atenham-se à finalidade do grupo: oferecer e receber hospedagens, dar dicas e ajudas! Ajudem a manter esse grupo genuinamente "das minas". Princípios de Comunicação Não-Violenta são muito bem-vindos aqui! Educação Sempre! (*Couchsurfing das minas na Europa*)

É com esse tom amigável e de conciliação que a rede *online Couchsurfing das Minas da Europa* [Figura 1] é descrita como grupo no Facebook. Ela foi criada em 03 de fevereiro de 2016 e abriga mais de 13.300 membros². Não possui fins lucrativos e mantêm um alto nível de atividade, com publicações frequentes, grande fluxo e quantidade de membros e diferentes abordagens em torno das viagens e narrativas colaborativas. É voltada para trocas que envolvam o tema de viagens no continente europeu. Sua inspiração está nos ideais difundidos pela plataforma estadunidense *Couchsurfing.org*, em atividade desde 2004, que defende uma conduta muito particular no processo de partilha de hospedagem, com o chamado “espírito *couchsurfing*”, ou simplesmente “espírito CS”.

² O quantitativo de membros foi aferido em 04 de agosto de 2021.



Fonte 1: Captura de tela no grupo Couchsurfing das minas na Europa - Facebook

A expressão é frequentemente utilizada em publicações de integrantes mais antigos da plataforma e pressupõe que os viajantes, ao “surfarem” no sofá alheio, estejam interessados em trocar experiências com seus anfitriões. E que além disso, não se importem em dormir no sofá, em alguns casos. Os hospedeiros, por sua vez, aceitam receber um “estranho” na sala. Esse distanciamento inicial se converteria em uma relação mais próxima a partir das interações face a face. A familiarização instaurada com a comunicação pela plataforma é então concretizada no momento da hospedagem. E sob este ideal solidário, hóspedes e hospedeiros também podem oferecer outras trocas, como a companhia para um passeio ou um jantar, por exemplo.

A prática da hospedagem domiciliar é, no entanto, bem mais antiga. A colaboração em viagens herda e ressignifica hábitos vividos por exploradores viajantes da Idade Média e Modernidade. O fenômeno tem seus indícios em deslocamentos que se realizavam sem a mínima estrutura comercial, balizado essencialmente nas trocas orgânicas entre anfitriões e hóspedes e nas informações buscadas inteiramente no modo *offline*.

Alguns historiadores conseguem visualizar elementos de hospedagem nas narrativas gregas e romanas e, até, em relatos sobre os persas. O cidadão comum abria sua casa a um estranho, permitindo que o mesmo lá passasse a noite, pudesse se alimentar e, assim, ter condições de seguir viagem, sem nada cobrar por tal gesto (ALDRIGUI, 2007, p.21).

Com as inovações advindas com as tecnologias da informação e comunicação, as práticas colaborativas ganham maior escala e crescem junto a um ideal de estilo de vida a ser seguido, que é altamente móvel e colaborativo. E neste sentido, as novas mobilidades são entendidas como um paradigma (SHELLER, URRY, 2006), em que se incluem as transformações imaginativas, os deslocamentos corpóreos e dos dispositivos utilizados, os movimentos comunicacionais.

As mulheres *couchsurfers* transitam entre diferentes ambientes, *online* e *offline*, interagem com pessoas em diferentes locais do mundo, se deslocam fisicamente com frequência e utilizam dispositivos móveis que as possibilitam acessar muitas mobilidades, como os *smartphones*. Além das transformações de sentidos nas próprias palavras e termos que envolvem a temática das viagens.

O *couchsurfing* não é somente uma plataforma, mas uma prática colaborativa de hospedagem. A referência ao sofá, tampouco é limitante. O acolhimento pode ser em uma cama, uma rede, um colchão. O “espírito couchsurfing” é também revisado rotineiramente por elas. Com a adesão a mais possibilidades de trocas, comportamentos esperados, como a arrumação da casa, por exemplo.

Uma das expressivas características contemporâneas do consumo e que atinge o grupo é a ênfase dada ao valor da experiência. Em um período de intensa comoditização, este elemento aquece ainda mais o mercado ao pessoalizar ao máximo os serviços. Em relação às empresas de alojamento e hospedagem, em especial as colaborativas, estratégias que exploram múltiplas dimensões para envolver os clientes de forma pessoal e promover experiências memoráveis são criadas intencionalmente. E, assim, buscam oferecer uma oferta diferenciada e coerente com as expectativas do hóspede, na lógica da ascendente economia da experiência (PINE II; GILMORE, 2002).

Em uma sociedade em que produtos, serviços e até mesmo experiências podem ser mercantilizados, o sentido privado e íntimo do consumo também se salienta de acordo com essa autoridade. E resulta em um movimento de maior personalização de desejos e de sinalização de identidades, que faz valer o protagonismo peremptório do consumidor na economia da experiência, como Pine II e Gilmore (1999) defendem.

A exploração do consumo turístico atrelado à economia da experiência, alimenta na forma das imagens principalmente, o desejo por esse estilo de vida viajante, distanciando-se do imaginário sobre a condição de turista, inclusive. Termo que vem ganhando novos sentidos ao longo dos anos. Há certa dualidade em relação a essas duas figuras, que se configura em relação ao modo como se pratica as mobilidades turísticas. O estilo de vida viajante, no qual se busca parecer ao máximo com o morador da localidade visitada, é o termo mais valorado, associado à suposta busca de autenticidade nos lugares visitados e a uma ideia maior de liberdade.

O contraponto do viajante é o turista, aquele que opta por consumir pacotes padronizados de viagens, organizados e planejados por agências. Como, em muitos casos, esses pacotes incluem *city tours* com pouco tempo de permanência nos destinos e permitem pouca autonomia dos turistas para escolherem os locais visitados e os serviços prestados. Eles foram sendo associados de forma gradual a viagens superficiais por aqueles que buscam por experiências mais independentes e exploratórias. O pouco tempo disponível, a rigidez das atividades e horários, o tipo de serviço mais voltado para o consumo de massas, todos esses fatores se distanciam do que os viajantes costumam buscar.

Esse pensamento se alia à ideia do turismo de experiência, ressaltando a superação de modelos estereotipados e convencionais de viagens (NETTO; GAETA, 2010). E mais ainda a uma subdivisão deste segmento, conhecida como um movimento *slow travel*, priorizando a vivência dessas experiências de modo mais tranquilo e lento para poder aproveitá-las melhor. O argumento é o de priorizar o bem-estar das pessoas e a sustentabilidade da prática, a partir da desaceleração do ritmo de consumo frente a aspectos meramente quantitativos (HALL, 2009). É uma outra forma de vivenciar o tempo, que durante as viagens, se torna mais elástico. Para Ryan (2002), são períodos de procrastinação socialmente aceitáveis que contribuem para a experiência extraordinária das férias. Podemos presumir como um tempo que nos distancia da produtividade tão acelerada que a dinâmica contemporânea nos impõe.

As experiências movem as relações colaborativas e estabelecem um diálogo entre os ideais de hospitalidade, que se referem ao bem receber, e os princípios da dádiva, explicitada por Mauss (2015) quando investigou os sistemas de trocas entre tribos

polinésias. Os preceitos dessas práticas se baseiam no ciclo de interações dar-receber-retribuir, entendido como o fundamento de qualquer sociedade, ainda que haja muitas rupturas e descontinuidades neste ciclo. Apesar de seu estudo se referir a realidades locais, seus resultados dialogam diretamente com questões sociais bem mais amplas que englobam territórios outros, além dos polinésios. O fator relacional implícito do sistema de trocas supõe uma doação de parte de si, em que o termo polinésio “mana” cria os vínculos sociais. E essa expressão é coincidentemente utilizada de modo fraternal entre as *couchsurfers*, denotando irmandade.

Essa forma de viver e viajar com atenção especial às experiências, ao consumo compartilhado, à coletividade, à autonomia e ao fortalecimento de vínculos entre hóspedes e hospedeiros está muito presente dentre os discursos reproduzidos pelas mulheres *couchsurfers* na Europa. Elas são em sua grande maioria mulheres intelectualizadas e jovens de 20 a 38 anos e participam de outros grupos similares e específicos para mulheres e viajantes colaborativos, reforçando as conexões existentes entre essas redes. Mas também é um grupo heterogêneo, com mulheres trans e cis de diferentes cores, classes e orientação sexual.

Dentre as tantas mobilidades que exercem, estão também as migrações. Seja para estudar, trabalhar ou por qualquer outro motivo, diversas mulheres que se unem por ideais colaborativos saem do Brasil e se deparam com muitas das benesses e adversidades que pairam sobre a vida de expatriada em qualquer país. E, ainda que não seja esse o foco do grupo, o tema é demasiado sobressalente dentre as interações da rede *Couchsurfing das minas na Europa*, sendo um dos aspectos que o torna peculiar.

Sua descrição ressalta a motivação turística, dentre mulheres cis e transgênero, incluindo não somente a hospedagem gratuita, como também outras interações que contribuam para a melhoria das viagens das integrantes. Dicas, pedidos de ajuda, companhia, são muitas as formas de participação. Contudo, o enfoque em experiências no continente europeu, conforme ressaltado no próprio nome, contribui para a formação de uma identidade bastante específica do grupo.

A prática de *couchsurfing* entre mulheres brasileiras é tão significativa, que muitos grupos focados no deslocamento para regiões ou continentes específicos foram surgindo. Há o *Couchsurfing* das minas na América Latina, o da América do Norte, o do Nordeste do Brasil, dentre tantos outros. Essas subdivisões contribuem para que seja mais fácil conseguir a ajuda buscada, pois está se comunicando com pessoas que têm objetivos muito parecidos. No caso, viajam, moram ou pretendem viajar ou morar em países europeus.

A designer Isabel³, de 25 anos, é uma integrante bastante ativa nas interações da plataforma e ressalta, em entrevista,⁴ que busca aderir a uma conduta voltada para as trocas colaborativas em diversos aspectos da vida. Ela busca no grupo o compartilhamento de ideias, dicas, oportunidades de trabalho voluntário e até mesmo de situações problemáticas vividas em relação às viagens. Assume grande preferência por viajar sozinha e, por essa razão, vê ainda maior importância no grupo, visto que grande parte das participantes também busca viajar dessa forma. O planejamento então é muito pautado pelas interações no grupo, como ela ressalta ter ocorrido em uma de suas viagens.

³ Todos os nomes das entrevistadas foram alterados para manter a privacidade delas.

⁴ Entrevista realizada no dia 20 de junho de 2020, por videoconferência. Na ocasião, Isabel morava no Uruguai.

Eu fui para Turquia sozinha, antes de ir fiz uma postagem perguntando se alguém já foi, como se sentiu. E recebi vários relatos que foram bons, que foram ruins, mas valiosos também para ter esses relatos de mulheres, para eu tomar minhas próprias decisões, ficar mais alerta a coisas que eu se eu fosse sem nenhum tipo de informação eu não teria nenhum tipo de ideia, então eu já vou mais atendida. É uma rede de troca muito grande, mulheres do Brasil inteiro com as mais diferentes histórias e backgrounds, então eu acho muito válido, ouço muito o que me falam. (Isabel, em entrevista)

As interações entre elas se tornam vínculos quando extrapolam os limites dos comentários das publicações e desenvolvem conversas mais profundas, frequentes e de apoio. Tais processos comunicativos podem transitar entre os ambientes *online* e *offline*, muito respaldados pela identificação de gênero e, por vezes, etnia ou orientação sexual também.

3 UMA REDE DE APOIO E AFETOS

Sair do país pode ser uma experiência mais viável e menos complicada para muitas delas por meio das interlocuções que se realizam com a mediação do grupo. Neste ambiente elas encontram apoio com quem comparte não somente de muitos ideais, como também da mesma nacionalidade. Como viajar sozinha é um hábito bastante frequente e estimulado entre elas, a vontade de encontrar alguém da rede ou de receber alguma referência sobre o local visitado pode facilitar muito os deslocamentos e mesmo modular comportamentos e modos de consumo. Elas encontram na rede a possibilidade de afetos, companhia e proteção.

Dentre as integrantes, muitas vivem no exterior para a realização de intercâmbios estudantis, grande parte de estudantes de graduação e pós-graduação. Outra atividade muito comum dentre as expatriadas é a participação laboral no programa *Au Pair*⁵. Vivências que são realizadas em geral sem a companhia de seus amigos e familiares. Assim, as interações em muito se estabelecem em torno de dicas para se estabelecer e se adaptar ao local, companhia para passeios e informações sobre os programas e bolsas, além do *couchsurfing* em si que é muito usado para viagens entre países europeus.

Por isso é tão importante acumular um capital de rede (URRY, 2007), uma capacidade de se relacionar com pessoas de diferentes distâncias, buscando obter benefícios financeiros, emocionais ou práticos. O que em muito é obtido pelo acesso e uso eficiente das tecnologias de comunicação e informação. Assim, elas buscam criar vínculos que servirão de refúgio, caso necessitem de alguma ajuda e mesmo para a troca de experiências que permitam conectá-las com outras pessoas que compartilhem culturas semelhantes. Seus relatos nas redes versam sobre a motivação de sair do Brasil, sobre as inquietações vividas no exterior e também sobre a excitação com os aspectos positivos desta jornada. A expatriação compartilhada é para Franca (2014) uma

[...] experiência de deslocamento migratório para outra cultura, em função de um trabalho específico, em que as experiências pessoais cotidianas são relatadas de forma frequente e compartilhadas em redes sociais, gerando interação social, através de laços múltiplos assim como

⁵ O programa *Au Pair* refere-se a um intercâmbio cultural que oferece trabalho remunerado em diferentes países a jovens de 18 a 29 anos. Grande parte dos serviços está relacionado ao cuidado de crianças.

novas formas de sociabilidade em rede contribuindo para o processo de adaptação cultural. (FRANCA, 2014, p.139-140)

Tais processos de socialização são tecidos no âmbito da solidariedade e podem criar laços afetivos duradouros. Cada vez que uma dessas mulheres se desloca para outro país e se prontifica a dar algum tipo de apoio às que intentam ir a esse determinado local, as conexões se fortalecem e contribuem para a formação de uma rede de amparo no continente europeu.

O papel das tecnologias no processo de integração, pertencimento e identidades é então crucial na busca por reparação de mobilidades e também na construção de um senso de sociabilidade brasileira, por meio do *Facebook*, para mulheres que estão no continente europeu. Assim, embora haja uma separação física da cultura de origem, a plataforma contribui para a criação de uma atmosfera *online* mais integrada, composta por pessoas que têm valores bastante próximos e falam o mesmo idioma. Além de permitir a transitoriedade de interações entre territórios locais e globais.

Mas, apesar de todas as potencialidades que as tecnologias digitais pensadas aqui possuem, elas também podem ser vistas como ferramentas capitalistas que seguem um regime disciplinar e cognitivo que captura e incorpora aspectos criativos, como Federici (2020) salienta. A atividade transformadora para a autora, no entanto, não se origina na informação que se passa na rede, mas nas experiências reveladoras que se tecem no *face a face*. As primeiras interações feitas pela rede digital se entrelaçam então aos contatos físicos, à resolução de problemas em conjunto, às atividades praticadas coletivamente, que trazem maior adesão a essa política dos comuns.

Enquanto mulheres cosmopolitas e móveis, as *couchsurfers* da Europa vivenciam as localidades expandidas em uma translocalidade (APPADURAI, 2003), que negocia tempos e espaços distintos e que indica momentos de expansão do local para uma realidade externa. As experiências no grupo que abrigam aspirações e anseios concernentes a uma realidade de mulheres brasileiras coexiste, dessa forma, em diálogo com as dinâmicas globais inerentes à vida de uma expatriada.

A participação de Maria⁶ no grupo reforça essa necessidade por sociabilidade entre brasileiras. Ela diz não solicitar hospedagem na rede, por entender as diversas dificuldades e limitações financeiras e de espaço que são enfrentadas pelas expatriadas brasileiras em muitas das situações. Ela morava no Rio de Janeiro e se mudou para a França em 2017 para realizar um curso de francês para estrangeiros. Atualmente é estudante de Artes e Conservação da *École du Louvre*, em Paris. Sua participação é então majoritariamente por meio de publicações pedindo e recebendo informações e dicas.

O desejo de entrar e permanecer no grupo está voltado, sobretudo, para a socialização, pois queria fazer contato com brasileiras que estão ou estavam na Europa para formar uma rede de pessoas próximas a ela. “Eu acho que os canais dos grupos do *Facebook* são mais acessíveis para falar com pessoas da mesma nacionalidade, as mulheres praticam mais a sororogia, não sei como fala [risos]” (MARIA, em entrevista).

A sororidade que Maria quis se referir é um termo associado ao - *sisterhood* - criado pela escritora estadunidense Kate Millett em 1970 e que vem sendo bastante utilizado pelo movimento feminista na contemporaneidade, indicando uma união de mulheres em torno de objetivos comuns. Ele é empregado com frequência no grupo, tanto em publicações quanto em comentários, e geralmente vem acompanhado da ideia de

⁶ Entrevista realizada em 07 de novembro de 2020, por videoconferência.

empatia, pois colocar-se no lugar da pessoa que te recebe ou da que é recebida é um dos princípios da filosofia *couchsurfing*.

A partir de uma de suas publicações pude perceber que essa busca de Maria se unia a um movimento muito grande de procura de companhia dentre as integrantes. Afinal, construir uma rede de amigos em um país diferente, com outras culturas e, na maior parte dos casos, outro idioma, é um desafio que se coloca para muitas delas. Em seu texto, que teve 117 reações e 72 comentários no momento da coleta de dados, Maria alega se sentir muito sozinha e com dificuldade de fazer amigos [Figura 2].

Figura 2 - Publicação de pedido de amizade na França



Fonte: Grupo *Couchsurfing das minas na Europa* - Facebook

Dentre as muitas respostas, a maioria se solidarizava e se identificava com a situação de Maria. Mesmo as que não estavam em Paris ou redondezas se ofereceram para companhia em viagens, para acolhimento no país em que vivem ou para um bate-papo por videoconferência. Esse tipo de depoimento é bastante frequente no grupo, sendo feito por pessoas em países diferentes da Europa, que podem ser vistos não somente pelos comentários dessa publicação específica, como nas tantas outras publicações semelhantes que também têm grande repercussão.

A companhia que é solicitada em determinada cidade europeia vem acompanhada de sociabilidades também em outras cidades e países. Como em ofertas do tipo: “Não estou em Paris, mas se você quiser vir à Madri, posso te receber”. E neste sentido, as viagens se estabelecem como uma possibilidade de construção e ampliação de uma rede de apoio. Elas se apresentam como uma ferramenta comumente utilizada para driblar a dificuldade em fazer amigos de modo mais espontâneo, sem uma mediação tecnológica.

Se encontrar alguém com disponibilidade e vontade para sair junto tem sido um grande desafio para Maria, uma rede que reúne mulheres com necessidades tão parecidas torna-se uma opção muito mais prática para conhecer novas pessoas e lugares. E o fator nacionalidade influencia diretamente nesse bem-estar, como Maria salienta. “Eu já tenho amizades, posso considerar já meus amigos, com alguns franceses. Mas eu sinto falta de verdade do estilo de amizade brasileira que eu posso falar, ligar, que eu tenho mais proximidade”.

A imersão em uma cultura diferente, a exploração de um lugar novo e o olhar estrangeiro são permeados pelo desejo de certo tom familiar, que muito é buscado nesta rede de brasileiras que aprendem a lidar com a solidão e com as provações múltiplas que se inserem na vida de expatriada. Por estarem sozinhas, aprendem a “se virar”, a serem menos dependentes de outras pessoas, porém ainda com necessidades de vínculos com pessoas próximas fisicamente e com as quais se identificam. Procuram essas conexões como possibilidade de terem certo refúgio, por ter com quem contar quando precisarem.

Eu já me acostumei, é uma vida solitária, eu demorei muito tempo para perceber isso, mas agora eu estou aceitando a minha solidão, não tem outro jeito, também não estou triste por ser solitária, é uma coisa que eu tive que aceitar e eu aceito, e tem pontos positivos porque eu aprendo com isso, eu fico mais independente. Enfim, eu aceito, é um estilo de vida. (MARIA, em entrevista)

Apesar do ar melancólico no qual Maria me descrevia sua experiência no exterior, foi também visível a satisfação em seu rosto quando me contava dos contatos que fez pela rede. Afinal, seu chamado gerou bons resultados. Propiciou encontros não somente presenciais, mas também conversas por telefone e interações via internet que contribuem para que ela consiga lidar melhor com a solidão.

Uma experiência comunitária que se estende às vidas particulares e que articulam relações sociais onde elas estão fragilizadas, consoante ao que Federici (2020) se refere como política dos comuns. Algumas participantes a convidaram para visitá-las, outras se propuseram ir à Paris para saírem juntas, outras já estavam por lá e se disponibilizaram em marcar encontros e algumas também contavam sobre dificuldades parecidas que viviam.

Quando cheguei em Madri para realizar o estágio doutoral, em outubro de 2020, passei também por certas dificuldades de adaptação. Por ser a primeira vez na Espanha, por não ter pessoas conhecidas por perto e por não ter ainda o domínio do idioma me vi em uma situação de solidão, assim como Maria. Foi quando vi no grupo não somente uma oportunidade de investigação, como também um importante recurso de apoio para essa experiência. Apesar de não ter podido me hospedar na casa de nenhuma delas, em razão das restrições concernentes à pandemia de COVID-19, pude me aproximar de algumas, pois estava vivendo uma situação muito semelhante, ainda que por um curto período.

Fui ao mesmo tempo postulante de companhia e apoio para algumas das mulheres expatriadas e seus fluxos, o que ocorreu em diversas situações. Quando me escreveram para perguntar sobre as restrições na cidade, sabendo que eu estava em Madri por ocasião de uma publicação minha solicitando companhia. Também quando uma participante me questionou sobre apartamento para alugar, sobre melhores locais para se viver e custo de vida, pois assim como eu, estava indo realizar seu doutorado sanduíche no mês seguinte. Assim como para pedido de hospedagem.

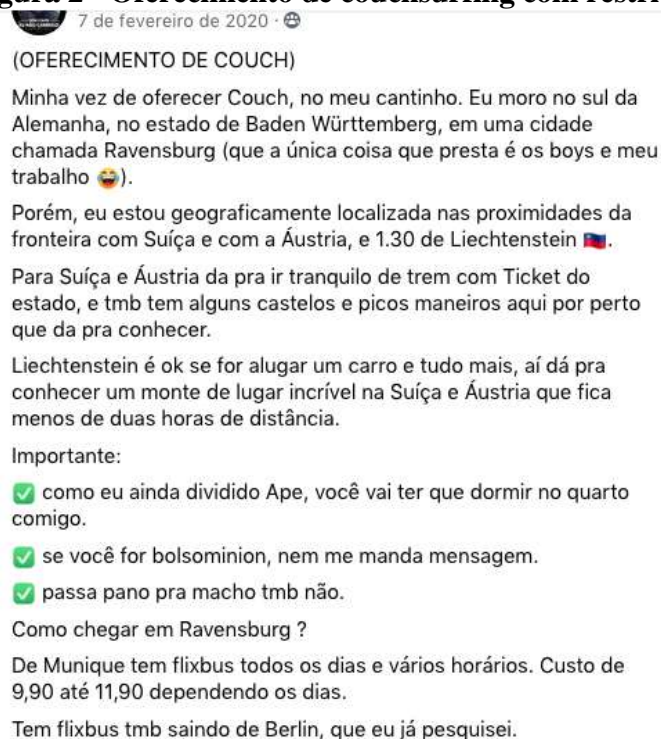
Interações muito variadas que fazem com que a estadia em um país estrangeiro tenha um tom familiar, uma base de mulheres brasileiras. Que, apesar disso, têm muitas divergências e participam de realidades bastante distintas, especialmente devido a questões interseccionais de etnia, classe e orientação sexual. Características que interferem diretamente nas construções desse capital de rede, especialmente no que tange os posicionamentos políticos.

4 DA RECIPROCIDADE POLÍTICA E O ESTÍMULO PARA VIAJAR

Apesar de muitos ideais serem compartilhados por grande parte delas, há espaço também para dissonâncias nesse âmbito. A manifestação política abre espaço para muitos debates e conflitos frequentes. Embora não tenha havido ainda uma decisão rígida quanto ao banimento de pessoas que se declarassem a favor de princípios defendidos pela extrema direita, há grande moção em torno de uma política mais progressista, algo que transparece desde a descrição do grupo até os tipos de publicação e regras. O posicionamento vem geralmente muito explícito nas apresentações que oferecem e/ou pedem a hospedagem, principalmente. Elas incluem condições exigidas para tal negociação e comportamentos desejáveis.

A publicação [Figura 2] da arquiteta catarinense Beatriz, de 30 anos, foi um dos casos que gerou bastante repercussão pela restrição política imposta para receber outras mulheres em sua casa. Foram mais de 1100 reações e 319 comentários, uma das postagens que obteve maior visibilidade no grupo. Dentre eles, a grande maioria apoiando seu posicionamento contrário ao presidente em exercício, como em: “Amei a parte do bolsominion hahahaha” e “As recomendações de ‘exclusão’ são as melhores. Já quero ser melhor amiga de infância ☐”.

Figura 2 - Oferecimento de couchsurfing com restrições



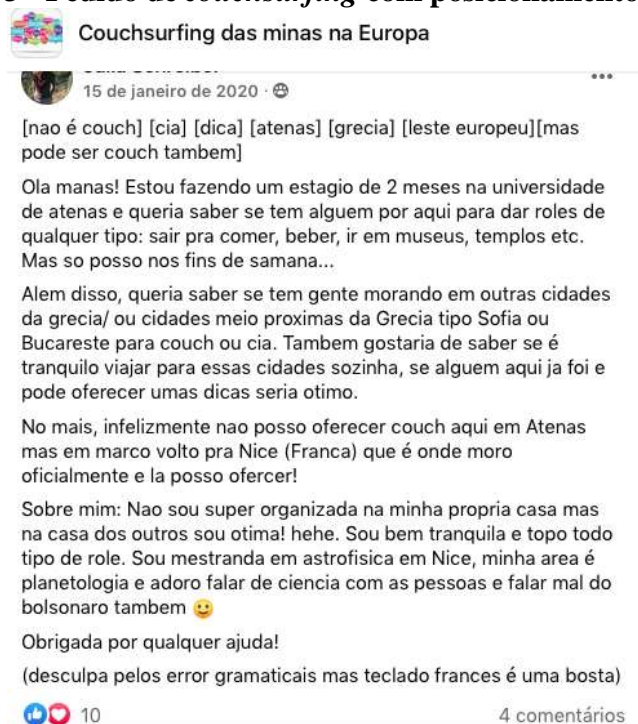
Fonte: Grupo Couchsurfing das minas na Europa - Facebook

Mas também houve retaliação por parte de algumas: “Se for bolsominion nem manda msg?! ☐É algum tipo de doença isso?!”; “mt triste ver politica separando as pessoas nesse ponto.... respeito pra mim é o básico, ngm precisa aceitar nada”. Houve até mesmo ataques com xingamentos à Beatriz, que levaram a uma reação não só dela, como a de outras integrantes que a defendiam. Uma das moderadoras, inclusive, entrou em contato com Beatriz via mensagem privada para manifestar seu apoio.

Não se relacionar com pessoas que aprovelem o governo de Bolsonaro é uma questão tão importante para Beatriz, que mesmo antes de aceitar conversar comigo em entrevista⁷ revelou ter procurado por informações no meu perfil que indicassem que não compactuo com tal política. Buscou informações nas minhas publicações, descrição, amigos. E assume também fazer investigação semelhante sempre antes de receber alguém pelo grupo, justificando: “Não é pra julgar a pessoa, porque cada um faz o que quer da sua vida, mas eu consigo realmente filtrar quem eu estou trazendo para dentro da minha casa” (BEATRIZ, em entrevista). Por isso, expõe de antemão suas condições que as fazem sentir mais confortável ao receber alguém e que dizem muito sobre sua identidade, como ela mesma esclarece.

E não é somente Beatriz que tem essa necessidade de distanciamento de apoiadores do atual presidente. Em um misto de sentimentos de raiva, desprezo, medo e preocupação com a discriminação, muitas outras integrantes adotam estratégias parecidas para se preservarem de um maior contato com essas pessoas. O posicionamento ocorre dos dois lados da negociação de hospedagem, tanto por quem oferece quanto por quem procura o tão desejado *couchsurfing*. A questão é semeada no grupo de modo que muitas reforçam as ideologias políticas nas apresentações que fazem de si [Figura 3].

Figura 3 - Pedido de *couchsurfing* com posicionamento político



Fonte: Grupo Couchsurfing das minas na Europa – Facebook

Esse tipo de informação então contribui para fortalecer a relação de confiança necessária neste processo, a partir da construção da reputação dessa *persona* apresentada no ambiente *online*. “Nos espaços sociais da Internet sublinhados por uma cultura da divergência identitária encontramos formas sociais de distribuição e administração da informação e do conhecimento marcadas pela segmentação” (RAMOS, 2015). São

⁷ Entrevista realizada em 04 de dezembro de 2020, por videoconferência.

aspectos que vigoram em uma cultura de formação de comunidades de pertencimento *online*.

Assim, mesmo que não sejam banidas do grupo, as mulheres que não se identificarem com o posicionamento político geral não se sentem acolhidas: não há possibilidade de pertencimento, a menos que mudem a forma de pensar. O ideal político as une por questões identitárias, por não compactuarem com pautas racistas, homofóbicas, negacionistas em relação à atual pandemia de coronavírus, dentre fatores relacionados que elas acreditam representar a política de Bolsonaro. Não há explicitamente a defesa de um candidato em especial, somente a oposição ao atual presidente. E, sobretudo, há a ênfase nos discursos de uma necessidade de empatia com pessoas que por razões ligadas à classe, gênero, orientação sexual sofrem mais com as ações e discursos discriminatórios do presidente e de seus apoiadores.

A tônica da diversidade em muito se faz presente em virtude da grande heterogeneidade do grupo, ainda que seja composto só de mulheres. Apesar de ter foco em viagens e moradia na Europa, o que muitas das vezes requer um grande investimento financeiro, há a participação de mulheres de diferentes classes sociais que viajam ou buscam viajar de modo mais econômico. E também há a participação de pessoas de diversas etnias e orientações sexuais. Por essa razão, são frequentes as afirmativas contra um discurso de ódio à diversidade, que tem sido associado ao presidente.

Beatriz vive na Alemanha desde 2017, quando iniciou seu trabalho pelo programa *AuPair*. Ela declarou que saiu do Brasil após viver um relacionamento abusivo com seu ex-namorado, que a violentou fisicamente. Após essa experiência traumática, quis mudar de vida e encontrou essa possibilidade de trabalho a partir de buscas pelo tema de autoajuda em redes sociais como o *Instagram* e o *Facebook*. A Alemanha foi o local escolhido, já que tinha certa familiaridade com a cultura do país por sua ascendência. Ela vivia em Itapiranga, uma colônia alemã do estado de Santa Catarina.

Como não tinha ainda experiências com viagens e nem condições financeiras para realizar grandes deslocamentos, ela encontrou nas redes sociais uma oportunidade para construir seu capital de rede e adquirir informações para pôr em prática seu objetivo. Seu plano se realizou pouco tempo após suas buscas. Ela partiu então “sozinha, com três malas e cento e quarenta euros”, como comentou aos risos em entrevista e salientando as razões de sua pouca mobilidade até então. Além de alegar grandes restrições financeiras que a impediavam de viajar, havia também um entendimento de que esse tipo de prática era algo que não poderia fazer parte de sua realidade, dentro do que ela percebia como mundo e como estrutura social limitante.

Mas a experiência como *Au Pair* foi somente o ponto de partida para sua vida como expatriada. Mesmo após a finalização do contrato de trabalho, Beatriz continua vivendo na Alemanha, trabalhando em outro local e morando sozinha. Conquistou sua independência financeira e diz já ter se adaptado à cultura local. Agora quer ajudar outras mulheres a ampliarem suas mobilidades usando a internet e o grupo para isso, assim como ocorreu com ela. “Não sou a única que está aqui procurando um lugar ao sol, então o grupo para mim é isso. Não é nem economia, é apoiar as mulheres, fazer isso por elas” (BEATRIZ, em entrevista). Sua atitude resvala novamente na motivação política dessas interações.

O desejo de reciprocidade entre as integrantes é bastante comum, apesar de não ser compactuado por todas. Para Beatriz, essa retribuição é tão necessária, que ela não se sentia confortável para pedir hospedagem quando não tinha a possibilidade de receber alguém em sua casa. Há uma recorrência muito grande de mulheres que fazem o pedido ao mesmo tempo que oferecem o *couchsurfing*, como uma espécie de contrapartida e

congruência à dinâmica do grupo, por isso ela se sentiu na obrigação de oferecer algo em troca.

Contudo, as formas de retribuição podem ser diversas. Dentre jantares, conversas, passeios. Como muitas das que vivem na Europa compartilham apartamento com outras pessoas, nem sempre é possível receber alguém. Por isso criam outras formas de retorno ao grupo. No caso de Beatriz, inicialmente havia algumas restrições onde ela morava e achava importante que a retribuição ocorresse com a mesma ‘moeda’ de hospedagem. Com o passar do tempo, pôde fazer a oferta mais de uma vez, como já era seu desejo desde que se instalou no continente europeu.

O desejo de retribuição, já evidenciado na tríade maussiana da teoria da dádiva se destaca aqui por seu viés político, no que intitulo reciprocidade política. E se coloca como um movimento que visa a justiça social por meio da busca por reparação de prejuízos nas mobilidades voluntárias, na defesa de que todos os corpos têm o direito de viajar.

A publicação de Beatriz tinha um tom positivo, apesar das restrições de perfil delimitadas. Isto incitou nas participantes a vontade de conhecer o lugar onde mora em razão de como a mensagem foi transmitida, pelas fotos exibidas e pelo discurso utilizado. Assim como na publicação de Maria, explicitada anteriormente, o texto estimulou afetos dentre as participantes, resultando não somente no desejo de viajar, como no de socializar. Chegando até mesmo a ser a interação a motivação maior para o deslocamento. Beatriz comentou sobre uma experiência muito positiva que teve a partir dessa publicação, com a ida de uma das integrantes à sua casa. O acolhimento se transformou em uma relação de amizade e é uma experiência que ela intenta repetir com outras mulheres do grupo.

Durante minha jornada como expatriada, pude me aproximar também da cearense Diana, de 24 anos, que mora em Paris e trabalha como *Au Pair* desde 2019. Ela publicou no grupo um pedido de companhia em Madri e eu a respondi positivamente. Logo após, formamos um grupo de *WhatsApp*, com outra expatriada que vive em Barcelona, pois sua intenção era a de visitar a Espanha em uma de suas semanas de folga. Assim, poderíamos informá-la sobre a situação sanitária e de mobilidade no país, além de podermos combinar melhor como seriam os encontros. Diana se preocupava muito em ter alguém com ela durante a viagem, pois queria tomar um café junto, almoçar e tirar fotos nas atrações turísticas.

Apesar de não ter podido realizar tal desejo, visto que não era possível se locomover entre comunidades autônomas da Espanha neste período, nós três estabelecemos um vínculo bastante particular. Com partilhas sobre a vida no exterior, o desejo de retornar ao Brasil e as frustrações trazidas com a pandemia que incidiram no cancelamento daquela e de outras sonhadas viagens. Meses depois, com a melhora nos índices de contágio e com a ampliação das mobilidades no país, Diana pôde conhecer a Espanha. Porém, foi quando eu já tinha retornado ao Brasil. Continuamos em contato via mídias sociais, compartilhando experiências pessoais e de viagem.

A grande mudança de vida pelas quais essas mulheres passam ao mudar de país já é por si consoante ao estilo de vida colaborativo que atravessa a rede. Ao se lançarem para um lugar desconhecido, adaptando-se a diferentes culturas, partilhando espaços de moradia e trabalho e com um alto grau de autonomia, as experiências já demonstram um modo de ver e pensar o mundo muito característico dessas redes. Muitas das vezes elas se dispõem a todas essas situações com condições financeiras restritas, como é o caso das jovens que trabalham como *Au Pair*.

Mas, além desse cenário, elas buscam com muita frequência ampliar as mobilidades por meio das viagens. Aproveitando-se da facilidade de locomoção que há

entre países vizinhos europeus, não somente pela liberação do espaço *Shengen*⁸, como também pela existência de uma grande malha de transporte aéreo, rodoviário e ferroviário que interliga os diversos países. Assim, os preços se tornam muito atrativos e os deslocamentos mais ágeis, em virtude dessa variedade na oferta.

A hospedagem solidária que a rede proporciona, o compartilhamento de informações sobre métodos econômicos de viagem, promoções e mesmo a troca/venda/doação de bilhetes de ônibus entre elas são ações que mantêm a rede bastante ativa e impulsiona suas viagens. Neste sentido, a plataforma se apresenta como um notável suporte para a ampliação das mobilidades, assim como potencial modulador das formas de experienciá-las. Suas regras, intenções, formato e ferramentas instituem como as interações acontecem e determinam quem pode ou não participar da rede.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meio a tantas possibilidades de realização, é possível pensar o turismo também como um ato político. Isso fica evidenciado pelas interlocuções que as mulheres *couchsurfers* na Europa realizam na plataforma do Facebook. Seja pelo enfático desejo de reparação em um panorama desigual de mobilidades voluntárias, seja pelo ativismo político suportado por pautas progressistas dentre as interações na plataforma ou mesmo pela ajuda mútua com informações e companhia, dentre aquelas que são consideradas “manas”. São muitos os aspectos em que se torna perceptível a construção e o fortalecimento de uma grande rede de apoio entre mulheres.

As viagens pela Europa se justificam tanto pelo desejo de conhecer novos territórios, como pelo do encontro. A sociabilidade, que se inicia na plataforma digital e se estende no *couchsurfing* e nos passeios realizados em conjunto tecem vínculos. Toda a experiência da troca é permeada pela identificação em ser mulher. Mas, sobretudo, essas práticas colaborativas se fundam no entendimento do que é ser uma mulher viajante, em como é ter uma vida em movimento. A percepção de si como tal é então regada pela sensação de pertencimento à comunidade que acolhe, ainda que seja atravessada por muitas divergências.

As alegrias e tristezas envoltas na vida de expatriada na Europa são compartilhadas de forma sistemática dentre elas. O vazio, a solidão, as conquistas profissionais e acadêmicas, muitas das experiências são expostas no grupo. Dos debates instaurados, surgem possibilidades de reflexão sobre os modos de se vivenciar uma viagem, sobre ideologias políticas também. Contudo, a ação concreta traz mais movimento ao grupo. O recebimento do *couch*, a ajuda com a informação que a outra necessita, a companhia em um país estrangeiro, dentre diversas outras possibilidades.

Das relações de trocas dadas que Mauss (2015) evidenciou, a necessidade de retribuição ganha especial atenção dentre as viajantes *couchsurfers*. O ativismo feminista insurgente às desigualdades entre gênero, em especial as que se referem às mobilidades, resulta no que chamo de reciprocidade política. É uma busca por reparação, a partir de ferramentas tecnológicas que em princípio reforçam as desigualdades em função do acesso mal distribuído e de mecanismos parciais de visibilidade, como a programação algorítmica, que acompanha um quadro social discriminatório.

O estilo de vida colaborativo e móvel valorizado por essas mulheres, ao mesmo tempo em que rompe com estereótipos - como o de que uma mulher não pode viajar sozinha - é também marcado pela lógica comercial turística. Mas, diferente da simples

⁸ Zona que abrange 26 países europeus em que não há controles alfandegários e fronteiriços.

mercantilização de experiências, as trocas do grupo Couchsurfing das minas na Europa envolvem também afetos não monetizados e reconfiguram o turismo como prática social resvalada por ideologias políticas, em que as pautas feministas são basilares.

Espero com esta pesquisa pavimentar caminhos outros que se dediquem a investigar as nuances e particularidades embutidas no amplo contexto das viagens. Longe de ser somente uma potência econômica mundial, o turismo se estabelece como prática social complexa e dinâmica. A grande variedade de comportamentos, relações e interações entre visitantes, moradores, territórios e dispositivos abre espaço para muitas discussões. Em especial, busco contribuir para trabalhos que contemplem as mobilizações políticas em torno de questões raciais e de gênero.

AGRADECIMENTOS

Agradeço às mulheres couchsurfers que gentilmente me acolheram no grupo na condição de pesquisadora e que me concederam preciosas entrevistas. Também agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, pelo apoio à realização da pesquisa, por meio do estágio doutoral em Madri.

REFERÊNCIAS

ALDRIGUI, Mariana. **Meios de hospedagem**. São Paulo: Aleph, 2007.

APPADURAI, Arjun. **Modernity at Large**. Cultural Dimension of Globalization. London/New York: Routledge, 2003.

D'ANDREA, Carlos. **Pesquisando plataformas online: conceitos e métodos**. Salvador: EDUFBA, 2020.

ELLIOTT, Anthony; URRY, John. **Mobile Lives**. London: Routledge, 2010.

FEDERICI, Silvia. **Reencantar el mundo**. El feminismo y la política de los comunes. Madrid: Traficantes de sueños. Mapas, 2020.

FRANCA, Ana Luísa Gallo da. **Expatriação compartilhada [manuscrito]: a sociabilidade em rede a partir do cotidiano de brasileiros expatriados**. Universidade Federal de Minas Gerais, 2014.

HALL, Colin Michael. Degrowing Tourism: Décroissance, Sustainable Consumption and Steady-State Tourism. **Anatolia**, v. 20, no 1, 2009, p. 46-61.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

MILLER, Daniel. Digital Anthropology. In: STEIN, F et all (ed.). **The Cambridge Encyclopedia of Anthropology**. 2018. <http://doi.org/10.29164/18digital>.

NETTO, Alexandre Panosso; GAETA, Cecília. **Turismo de experiência**. São Paulo: Senac, 2010.

PINE II, Joseph; GILMORE, James. **The experience economy: work is theatre and every business is a stage: Goods and services are no longer enough.** Harvard Business School Press: Boston, 1999.

PINE II, B. Joseph; GILMORE, James H. Differentiating hospitality operations via experiences: why selling services is not enough. **The Cornell Hotel and Restaurant Administration Quarterly.** Elsevier: June, 2002.

RAMOS, Jair de Souza. Subjetivação e poder no ciberespaço: da experimentação à convergência identitária na era das redes sociais. **Vivência: Revista de Antropologia**, v. 1, p. 57- 76, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/vivencia/article/view/8251>.

RYAN, Chris. **The Tourist Experience.** London: Continuum, 2002.

SHELLER, Mimi. Mobility justice and power. In: **1a Escola de Ciência Avançada em Mobilidades: Teoria e Métodos.** São Paulo, SP: Escola de Artes, Ciências e Humanidade, Universidade de São Paulo, 2017.

SHELLER, Mimi; URRY, John. The new mobilities paradigm. **Environment and Planning A**, v. 38, 2006, p. 207 - 220.

URRY, John. **Mobilities.** Cambridge: Polity Press, 2007.

***Surfing on the girl's couch:
Support network among women on collaborative travel in Europe mediated by
Facebook***

Abstract

Feminist movements have found on internet a very promising medium to host discussions on the most varied topics, in which travel is included, and with a more distributed network organization. In this spectrum, I analyze in this paper how collaborative travel networks composed by Brazilian women on the European continent can stimulate mobility, tourist practices and build transnational support networks, based on internet interactions focused on gender identity. This investigation is part of an ethnographic study on a Facebook group entitled Couchsurfing das minas na Europa, involving interviews, monitoring the members' actions and analyzing discussions arranged on the platform. Their interactions are motivated by the shared accommodation in residences and interlocutions covered under the travel theme. The study revisits Marcel Mauss' Gift Theory to think about how contemporary non-commercial social exchange can be constructed through identity and political activism. The analysis is also supported by discussions about mobilities, especially raised by John Urry and Mimi Sheller, which consider not only the mobile character of individuals, but also of objects, communications and ideas. Paradigm that evokes methodological possibilities in which the researcher is led to experience such

movements, essential to the analysis of the phenomenon. Travel is discussed here as a contemporary activity that extends to market practices, with the strengthening of a solidary and collective ideal. Despite the many dissonances and inequalities that appear in the processes, these networks encourage mobilities within the perspective of gender, identity affirmation and political activism.

Keywords: Collaborative travels. Gender. Support network. Couchsurfing. Digital Platforms.

Artigo submetido em 05/08/2021. Artigo aceito em 30/09/2021.